

O CORDEL, O NEGRO E A ESCOLA: A CULTURA POPULAR VAI PARA A SALA E DISCUTE HISTÓRIA

Giselly Soares de MESQUITA (UEPB)

RESUMO

Veículo de fabuloso fomento à identidade regional, o cordel tem nas camadas populares seus mais constantes e fiéis consumidores, sendo através dos tempos valorizado e cultuado como a verdadeira e autêntica literatura nordestina. A Literatura de cordel pode ser um importante instrumento pedagógico na Educação Básica, em especial, nas aulas de História, abrindo a possibilidade de se levar, de forma lúdica, questões como preconceito, racismo e identidade. O presente estudo trata de uma análise dos textos *Abolição sem libertação*, de Hélvia Callou, e *A revolta dos pretos*, de Manoel Monteiro. Esses dois textos fomentam a discussão sobre a história dos negros contada na escola, via historiografia oficial, e a história narrada através da memória e do imaginário dos excluídos. Para a concretização deste trabalho, utilizamo-nos de pesquisa bibliográfica, principalmente em livros que tratam da área de cultura popular, educação e linguagens. Procurou-se, ainda, contextualizar a literatura de cordel no espaço da sala de aula, dedicando atenção às novas tendências didáticas para o ensino de História e às orientações e/ou sugestões de estudiosos de como devem ser esses novos procedimentos. Nos cordéis analisados, o negro vai aparecer como ser social que traz consigo traços de opressão, mas que se faz visível e não mais aceitando a condição de subjugação a que estava ligado, levando o aluno a refletir sobre a História que lhes foi contada oficialmente e aquela que é narrada pelo sujeito narrador do cordel. O objetivo, enfim, é proporcionar uma nova forma de apresentar as versões de um momento da história brasileira que, ainda suscita polêmica e temor, mas que pode colaborar para (des)construir a imagem negativa do negro que ainda existe no imaginário social. Enfim, apresentamos uma possibilidade de estratégia de ensino para uma aula de história que promova a discussão e a reflexão a partir dos textos cordelianos.

Palavras-chave: Cordel. História. Negros.

INTRODUÇÃO

Acompanhamos, em meados da década de 90 do século XX, a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, sancionada em 20 de dezembro de 1996. Desde então, além dos chamados Parâmetros Curriculares Nacionais propostos pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC), muitas deliberações vêm sendo criadas pelas Secretarias de Educação dos Estados que contam com a operacionalização das instituições envolvidas neste projeto em todos os níveis.

Confirmando esta tendência geral, é bastante comum ouvirmos que a educação necessita adaptar-se às mudanças econômicas e sociais pelas quais passa o Brasil, que teríamos agora um novo tempo na escola.

No centro das mais diferentes instituições educacionais, em auditórios superlotados, são proferidas palestras, cursos de aperfeiçoamento, anunciando: renovação, novos tempos e construção do futuro. Inserindo nossa reflexão no centro desta proposta, percebemos que as questões atuais no campo da educação, para não nos determos em outras áreas, parecem necessitar de um panorama que exponha, com clareza, o recorte deste tipo de abordagem, incentivada, muitas vezes, como saída pelas instituições governamentais e privadas, bem como por grande parcela das pessoas submetidas a tais órgãos, supostamente bem intencionadas.

A importância do presente estudo consiste na leitura crítica da prática pedagógica do professor na sala de aula do Ensino Básico, tomando como referência o ensino de história através de textos cordelistas com enfoque à desconstrução da imagem do negro ainda vinculada, apenas, à imagem da escravidão e ao estereótipo da subordinação.

A escolha do tema se deve, de um lado, pelo contato maior com docentes da rede pública que lecionam esta disciplina; por outro, porque nesta disciplina, a seleção de conteúdos relevantes para a compreensão da realidade, desvendamento do mundo real e da própria situação sócio-histórica do aluno se apresenta de forma mais direta e mais clara.

No que diz respeito ao ensino de história nas escolas de Educação Básica, uma das indagações mais recorrentes entre os alunos diz respeito ao por que estudar história. Essa questão, aparentemente simples, tem as suas raízes fincadas na universidade, onde os debates historiográficos, propulsores de novos conceitos, lançam nas mãos dos novos e inexperientes professores uma vasta gama de conhecimentos que se chocam com a realidade do Ensino Fundamental e Médio.

As contradições entre teoria e prática, discurso e realidade levam o professor de história a se indagar sobre o seu papel em sala de aula e como fazer com que os conteúdos de sua matéria não sejam estranhos e distantes do mundo do aluno. Isso decorre muitas vezes do próprio ambiente escolar que ainda se molda em um arcabouço arcaico, com vasto conteúdo programático baseado em uma historiografia tradicional. Nesse cenário, a partir do recorte dado sobre a imagem apresentada do africano e seus descendentes, ainda é perceptível, no currículo escolar e nas salas de aulas, a omissão das informações sobre a presença e participação dos negros na história brasileira.

Para alcançar condições de empreender os "combates pela história", é necessário uma ação em duas frentes: no debate sobre princípios e teorias, e na formação e prática dos licenciados na disciplina. Se por um lado não podemos estabelecer uma relação

mecânica e imediata entre as concepções de história e as concepções e metodologias de ensino, por outro podemos afirmar que professores com lacunas em sua formação teórica, sem uma sólida prática de pesquisa e avaliação da realidade, sem a gana do autodidatismo constante, incapazes de posicionarem-se política e pedagogicamente e a partir daí transformar processualmente a sua própria prática, constituem o principal problema a ser resolvido para que o novo não envelheça sem ser realizado.

Nesse momento, sob a influência de vários educadores, a história, no conjunto das novas preocupações educacionais de caráter liberal, configura um instrumento de luta contra o tradicionalismo pedagógico (que não deixa de ter seus laços com a história tradicional). Em que pesem as limitações derivadas do aspecto liberal e dos resultados da Escola Nova, temos que reconhecer que sua postura trouxe algumas transformações no ensino de história, ainda que para um círculo limitado, mas principalmente porque questionou a ordem das coisas nesse ensino, e fundou o campo do "novo" e do "renovado".

Assim, a importância de um trabalho que tem como preocupação apresentar a análise de uma situação de aprendizagem que considere a presença fundamental dos negros e mestiços em nossa sociedade, a partir de um gênero textual vinculado à cultura popular que é o cordel. Acreditamos que, ao focalizarmos a imagem do negro a partir deste gênero, “estaremos também identificando temas coletivos que atravessam as vidas de nossos alunos e “refletem a estrutura social nas quais suas vidas individuais estão imersas”(KRAMER & JOBIM e SOUZA, p.77).

Nesse sentido, a discussão que se propõe é necessária porque é preciso ampliar a compreensão do ensino de história e seus sujeitos, para então se poder refletir sobre o que e por que deve ser escolhido como conteúdo para compor um currículo escolar que privilegie um deslocamento do olhar sobre os negros e mestiços na nossa história e cultura.

1 SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Para Fenelon (1987), em pesquisas feitas sobre contexto educacional dos anos 1970, inicialmente, as academias preparavam o professor de história como um reproduzidor do conhecimento, pouco capaz de refletir historicamente (1987, p.24-31). Segundo a autora esta situação geraria dois mundos distintos, aqueles que produziam o conhecimento histórico através dos debates, discussões e interpretações, em suas redomas academicistas e com pouco contato com os “profissionais subalternos”. E estes, os professores do Ensino Básico, a quem caberia reproduzir um saber despolitizado e sem o mínimo de articulação com outras áreas; seriam apenas os mensageiros da “memória

nacional”, tendo como instrumento e fonte historiográfica, muitas vezes único, o livro didático.

Por outro lado, mesmo vivenciando as novas bases e acepções sobre o ensino de história, na atualidade, ainda é comum alguns professores de escolas do Ensino Básico usarem como ferramentas usuais de sua prática, o livro, quadro e giz, atendo-se a determinadas técnicas que ainda promovem o repasse mecânico do conhecimento produzido na área.

Entretanto, a compreensão da realidade do ensino de história na rede pública pressupõe a questão da formação do professor que ministra a disciplina e a sua prática pedagógica. Entende-se que a metodologia de ensino (como se ensina) não se resume a determinadas técnicas, recursos didáticos e teorias de aprendizagem, mas sim, que está articulada a concepções teóricas relativas à sociedade, ao homem e ao processo de conhecimento.

Nos dizeres de Perrenoud (2000) é preciso que o professor saiba construir condições concretas para o seu exercício na sala de aula, partindo do movimento da profissão, das demandas emergentes no social para delinear as competências prioritárias, coerentes com o novo papel dos professores, um roteiro para um novo ofício, compatíveis com os eixos de renovação da escola.

Nesse sentido, a superação dos problemas didáticos e metodológicos, deve ser uma preocupação constante do conjunto de profissionais de História na perspectiva de (re)pensar e fortalecer cada vez mais as relações entre o que se ensina, se pesquisa e se produz visando a uma melhor formação do profissional de História que sai da Universidade.

É certo que todo e qualquer tipo de mudança acarreta quase sempre resistência por parte dos envolvidos, que estão ligados a fatores psicológicos de insegurança, e isto acontece tanto na prática individual como na coletiva. Quando as rotinas estão estabelecidas elas conferem uma sensação de segurança, que se quebra quando algum fator de mudança ou ruptura aparece. Neste sentido, o uso de cordel na aula de história instiga, de certa maneira, a que tomemos como aportes importantes para o fazer histórico a análise crítica da identidade dos negros e mestiços veiculada nos livros didáticos de História frente às novas concepções da História Contemporânea e às diretrizes curriculares nacionais e locais.

2 BREVE ANÁLISE DOS CORDEIS *ABOLIÇÃO SEM LIBERTAÇÃO*, DE HÉLVIA CALLOU, E *A REVOLTA DOS PRETOS*, DE MANOEL MONTEIRO

Os versos de Hélia Callou, “Abolição sem libertação”, tratam no seu início de uma questão bastante comum: a representação do negro na escola. A África e suas múltiplas experiências históricas não nos foram apresentadas durante nossas trajetórias de vida e formações escolares, a não ser por meio de informações que estavam recheadas de equívocos e simplificações. Dessa forma a autora enfatiza:

Qual de nós não se lembra
De nossa vida escolar
Quando ouvia a professora
Belas histórias contar
De tantos feitos históricos
Para se comemorar.

(...)

E chegava o mês de maio
Vinha a nossa abolição
Aqui eu paro no assunto
Pra discutir a questão,
Se há cem anos atrás
Libertaram o negro ou não.

A versão que a escola conta,
É que a Princesa Isabel
Com sua pena de ouro
Assinara no papel
Arriscando até seu trono
Ó! Princesinha fiel!...

Não fala das grandes lutas
Que os negros organizavam
Da união dos escravos
Que juntos compartilhavam
De idéias de liberdade
Nos quilombos que formavam.

Nos versos transcritos acima a cordelista procura mostrar que as histórias do Brasil Colônia não se resumem, no entanto, às articulações políticas da coroa portuguesa e a aparente passividade dos escravizados, que não foi verdadeira. Foram muitas as formas de resistência à escravidão e elas, aliás, começavam ainda em terras africanas, tornavam-se dramáticas durante a travessia do atlântico e no continente americano tomaram as mais diversas formas. E a mais conhecida entre nós foram os quilombos, forma de organização já conhecida pelos negros ainda no continente africano.

Mais adiante, a cordelista pontua:
A escola nos prepara
Para a discriminação
Nos nossos livros didáticos

Cinema, televisão
Passa pra nós a idéia
Do negro na escravidão

A autora faz assim, uma crítica as narrativas da historiografia oficial e aos meios de comunicação que apresentam um processo de colonização cujos conflitos se limitam aos desarranjos entre os portugueses, dando pouco ou nenhum destaque à resistência negra ao trabalho escravo, dando a entender que a escravidão foi bem aceita/assimilada pelos africanos. As fugas de escravos e a posterior formação de quilombos foi uma constante desde os primórdios da colonização, ganhando maior destaque no século XVII, com o Quilombo de Palmares.

A seguir, a autora revela as facetas mais visíveis da violência que desumaniza a população negra, esmagando a auto-estima de crianças e jovens, a exemplo das distâncias entre as proclamações de vontades e a concretude das relações sociais travadas no dia-a-dia. A autora mostra que o mundo real está longe da paz e as desigualdades que oprimem e excluem indivíduos e coletividades ainda é freqüente na atualidade, seja em relação ao homem ou a mulher; ao adulto ou a criança. Mostra ainda que há um determinismo social, resquício da visão eurocêntrica e eugênica:

No cinema ele aparece
No papel de capataz
Tanto nos filmes antigos
Como nos filmes atuais
É essa ideologia
Que o “grande” do negro faz.

Na televisão então
Gammas de publicidade
Envenenam todo dia
A nossa sociedade
Com idéias de preconceito
E até desumanidade.

A mulher negra aparece
Na nossa televisão
Vestida de lavadeira
Vende marca de sabão
Em novela, ela é doméstica
Subordinada ao patrão.

A criança é trombadinha
Camelô do meio da rua
Que dorme sempre ao relento
Com a carne quase nua
E o seu divertimento
É a pelada na rua

Como se percebe, os versos transcritos afirmam nas entrelinhas que, em nossa sociedade constroem-se ou divulgam-se imagens positivas ou negativas de diferentes grupos através de diversos meios. Os principais meios destacam-se a televisão, os jornais, as revistas, o cinema, que contribuem extraordinariamente para que as pessoas formem imagens positivas ou negativas sobre outras pessoas ou acontecimentos do dia-a-dia.

Dessa forma, podemos inferir que, na visão dos versos “Abolição sem libertação”, os meios de comunicação têm, assim, estimulado sobremaneira o preconceito em nossa sociedade. Particularmente o preconceito contra os negros.

Em “A revolta dos pretos”, Manoel Monteiro denuncia o preconceito e a opressão exercida em relação às minorias sociais e estigmatizadas da nossa sociedade, entretanto, mesmo falando dos “diferentes”, o cordelista faz uma importante referência ao negro, comparando diversas situações sociais em relação ao “branco” e chama o Brasil de “Campeão do preconceito”.

Nos seus versos, o autor, por meio da comparação, mostra como se exterioriza o preconceito e a discriminação contra o negro em nossa sociedade, sob a ótica da violência policial:

A cor da pelenão diz
 Se o sujeito é ladrão
 Mas em qualquer detenção
 Isso aí se contradiz
 Porque tem tanto infeliz
 Sob vigia e escolta
 Eo que mais me revolta
 É que o desfalque é besteira
 Já pobre roubando asneira
 Vai em cana e não se solta

Um outro ponto apresentado pelo poeta diz a respeito da simbologia discriminatória. A linguagem, segundo o texto, cuida de associar negro (no caso, a cor preta) às coisas ruins. Sendo assim, o autor questiona de onde surgiu essa prática ou idéia:

Não sei quem deu certeza
 Se foi Decreto ou despacho
 Que ruim está embaixo
 Em cima só tem beleza
 Disse que branco é pureza
 Cão catinga à carbureto
 Tem chifre, cauda e espeto
 Cospe fogo da carranca
 Anjo adora roupa branca

Diabo só veste preto.

Já os versos a seguir, apresenta um texto denunciador do preconceito e da discriminação nas artes, na religião e no cotidiano da pessoa negra. Nos versos a seguir, o cordelista, através da metáfora da senzala, nos mostra que em épocas atuais, as relações de poder ainda se perpetuam entre negros e brancos em que os primeiros são subjugados pelos segundos. Isso é claramente externado nos dualismos negro X cozinha e branco X sala; assim, se percebe a estrutura social dos engenhos em época de Brasil colonial em pleno século XXI:

a mulher, preta e pobre
 Na cozinha dos burgueses
 Ganha menos muitas vezes
 Embora o trabalho dobre,
 Olhando bem se descobre
 Uma verdade que abala
 Branco rico está na sala
 Com todas as mordomias
 Enquanto que as minorias
 Continuam na senzala.

Na estrofe seguinte, o cordelista faz referência ao estereotipo sofrido pela mulher negra que a remete a uma imagem usada para justificar e realimentar o desejo manifesto dos homens brancos. Imagem que as caracteriza como mais sensuais, afetivas e libidinosas, notadamente nos jogos sexuais:

É dever da empregada
 Dar banho em cachorro e gato
 Lavar pano, lavar prato
 W.C., copa e calçada
 Manter a casa arrumada
 Pilotar forno e fogão
 É só fazer a refeição
 Depois da última pessoa
 Levar o chá da patroa
 Servir na cama ao patrão.

Observa-se que ele generaliza nas entrelinhas: o lugar da negra, na visão eugênica, é o de empregada doméstica, que no seu cotidiano se presta a todos os tipos de tarefas, inclusive as mais degradantes, o que demonstra a agressão sofrida por muitas mulheres que só por ser pobre e negra não encontra outro espaço no mundo do trabalho.

O poeta conclui que a escravidão não acabou na assinatura da Lei Áurea, mas se perpetua nos dias atuais, através da sentença que paira sobre a cabeça dos descendentes dos escravos africanos: ser negro.

No porão dos bucaneiros
Traficantes desumanos
Importavam os africanos
Pra vender aos brasileiros,
Escravagistas grosseiros
Pela igreja apoiados,
Tantos anos são passados
E nada mudou, descobres
Visto que pretos pobres
Continuam escravizados.

A própria vida condena
Pobre e preto o tempo inteiro
Porque viver sem dinheiro
Não é sentença pequena,
Quando preso cumpre a pena
Até o último instante,
Com ou sem atenuante
Não tem pra onde fugir
Só o fato de existir
Já pesa como agravante.

3 USANDO O CORDEL NA SALA DE AULA

Não se pretende, aqui, apontar estratégias ou receitas prontas para o uso dos textos cordelistas em sala de aula, no ensino de história. Não somos pretensiosos a tão ponto. Porém, acreditamos que a apropriação de alguns textos que fazem parte da realidade de nossos alunos pode configurar uma possibilidade metodológica para despertar o interesse dos mesmos por assuntos tratados na disciplina de forma mais reflexiva, associando o passado a determinados conceitos e acepções do presente, como é possível fazê-lo através dos textos apresentados na seção anterior.

A discussão, os pontos de vista que podem ser apresentados a partir do uso das leituras propostas podem suscitar uma aula de história mais dinâmica e mais comprometida com as novas concepções da história, uma vez que a associação entre os textos apresentados e o cotidiano dos alunos não é ingênua: partimos de um gênero de caráter popular, que apresenta como uma das temáticas mais comuns a discriminação racial, como a exemplo do ABC do negro. É a partir desse gênero, de sua transformação temática, que poderemos interagir com o aluno do Ensino Básico. Ele pode representar uma ponte aos

conceitos históricos que se tem por objetivo e como uma ferramenta lúdica possível na construção do conhecimento histórico dos alunos, sem perder a perspectiva crítica.

É fundamentalmente na escolha dos temas apresentados neste artigo, por exemplo, que o professor tenha atenção na abordagem, no cuidado com a construção dos argumentos, no grau de conhecimento sobre o assunto a ser ensinado, na resistência às situações cotidianas em que o preconceito se expressa, tanto na sala de aula como nos outros espaços e momentos escolares.

Trabalhar o mais coletivamente possível, buscar pares na escola que queiram enfrentar o desafio de revisitar e reaprender a história, a cultura, a literatura brasileira sob a perspectiva da população negra como sujeito, pode ser uma maneira competente e facilitadora na construção de conteúdos e metodologias mais adequados às diferentes faixas de idades e níveis de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da perspectiva apresentada neste estudo, apresentamos a seguir algumas considerações.

A Literatura de Cordel se tingiu de uma tonalidade político-social, eixo temático este que aborda os problemas vividos pelos africanos e seus descendentes na luta por sobrevivência em tempos e lugares onde o preconceito e a discriminação continuam a subjugar. Ocorre, no entanto, que este Cordel que se fez crítico da realidade do homem africano e afro-brasileiro, expropriado física e intelectualmente no discurso histórico brasileiro, também pode ter uma outra nova conotação: servir como suporte no aprendizado de sua história e de si mesmo. Na elaboração historiográfica dos cordéis *Abolição sem libertação*, de Hélivia Callou, e *A revolta dos pretos*, de Manoel Monteiro, encontramos um adensamento desse criticismo imanente ao Cordel praticado na atualidade, de forma a que eles não apenas escolarizam-nos, mas também se fazem reformadores sociais, forjando as consciências críticas das gerações que virão a lê-los. Um excelente recurso a ser trabalhado nas aulas de história.

REFERÊNCIAS

FENELON, Déa Ribeiro. **A formação do profissional de História e a realidade do ensino.** In: Cadernos CEDES, São Paulo: Cortez Ed, n 8,p. 24-31, 1987.

KRAMER, S. & JOBIM E SOUZA, S. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.